

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA: um estudo de caso**

**CULTURAL HERITAGE EDUCATION AND HISTORY TEACHING IN SCHOOL: a case study**

**EDUCACIÓN PATRIMONIAL Y ENSEÑANZA DE LA HISTORIA EN LA ESCUELA: un estudio de caso**

**Liliane Faria Corrêa Pinto<sup>1</sup>**

**Resumo:** Em 2006, foi realizada na disciplina de história, na Escola Dona Josephina Wanderley Azeredo, Nova Lima-MG, uma atividade de educação patrimonial com os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Cada turma foi dividida em grupos que receberam um bem patrimonial de natureza material ou imaterial e de momentos diferentes da história local. Os alunos desenvolveram atividades de campo, entrevistas e visitas aos bens, além de pesquisas bibliográficas e arquivísticas. Elaboraram um cartaz com textos históricos e fotografias antigas e atuais dos bens, que foram dispostos em uma exposição na praça da cidade. Esse projeto durou dois bimestres e os alunos puderam conhecer novas formas de aprendizado da história e os conceitos de patrimônio cultural. Essa proposta foi interativa e trouxe uma novidade na educação patrimonial local, já que foram os estudantes que construíram o conhecimento acerca da história regional patrimonial, o que fortaleceu os laços com a identidade.

**Palavras-chave:** Educação patrimonial. Patrimônio cultural. Ensino de história.

**Abstract:** In 2006, it was carried out at Dona Josephina Wanderley Azeredo School, Nova Lima-MG, a cultural heritage education activity with the students of Elementary and High Schools. Each class was divided into groups that received a heritage of material or immaterial nature from different moments of local history. The Students developed field activities, interviews and visits to the cultural heritage, as well as bibliographic and archival researches. They prepared a poster with historical texts and old and current pictures of the cultural heritage which were arranged in an exhibition in the town square. This project lasted two marking periods and the students were able to learn new ways of learning history and the cultural heritage concepts. This proposal was interactive and brought something new for the local heritage education, as the students themselves built the knowledge about the regional cultural heritage history, which strengthened ties with identity.

**Keywords:** Cultural heritage education. Cultural heritage. History teaching.

---

<sup>1</sup>Historiadora, doutora em História, Política e Bens Culturais, mestre em História Econômica e Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Codó-MA. E-mail: mandraga@yahoo.com

**Resumen:** En 2006 se llevó a cabo, en la disciplina de historia, en la Escuela de Doña Josefina Wanderley Azeredo, Nova Lima-MG, una actividad de educación sobre el patrimonio con los alumnos de educación primaria y secundaria. Cada clase se dividió en grupos y recibieron un bien patrimonial, de naturaleza material o inmaterial, de momentos diferentes de la historia local. Los estudiantes desarrollaron trabajos de campo, entrevistas y visitas al patrimonio cultural, así como investigación bibliográfica y archivística. Prepararon un cartel con textos históricos y fotografías antiguas y actuales de los bienes y los presentaron en una exposición en la plaza de la ciudad. Este proyecto tuvo una duración de dos bimestres y los estudiantes fueron capaces de aprender nuevas formas de aprendizaje de la historia y los conceptos de patrimonio cultural. Esta propuesta fue interactiva e innovó en la educación del patrimonio local, ya que los mismos estudiantes construyeron el conocimiento de la historia del patrimonio regional fortaleciendo los lazos con la identidad.

**Palabras clave:** Educación patrimonial. Patrimonio cultural. Enseñanza de la historia.

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o patrimônio cultural acompanham as modificações do conceito e agregam também as discussões da educação patrimonial, a qual ressalta e transforma a concepção de identidade dos grupos que a recebem. A educação patrimonial é uma ferramenta eficiente para o ensino de história porque associa as atividades de pesquisa do historiador com os conteúdos históricos e o sentimento de pertencimento próprio do patrimônio cultural. Diante disso, este artigo vem narrar e analisar uma atividade desenvolvida com alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, em 2006, na Escola Dona Josephina Wanderley Azeredo, Nova Lima-MG, que proporcionou o aprendizado da história e da pesquisa por meio dos estudos de bens patrimoniais culturais. A proposta educacional executada será aqui analisada a partir do conceito de educação patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e das discussões acerca do ensino de história.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014a):

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural.

A partir desse conceito, as atividades educacionais realizadas em Honório Bicalho, bairro da cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte/MG, foram delineadas, com o intuito de os alunos conhecerem e valorizarem as referências culturais materiais e imateriais da localidade.

A atividade foi desenvolvida no ano de 2006, quando lecionamos a disciplina de história na Escola Estadual Josephina Wanderley Azeredo, em Honório Bicalho. Foi aplicada em turmas das antigas sétima e oitava séries (atuais oitavo e nono anos) do Ensino Fundamental e do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio do turno da manhã. Correspondiam a, aproximadamente, duzentos e cinquenta alunos. Com o intuito de facilitar e desenvolver o raciocínio histórico, os estudantes foram divididos em grupos, e cada um recebeu um bem patrimonial local para o estudo, que previa trabalho de campo, com pesquisas em arquivos, internet e entrevistas, e a redação de um texto dissertativo ou narrativo para a exposição. Foram trinta e cinco bens elencados e os grupos tinham em média oito alunos, escolhidos por sorteio, com algumas mudanças e reajustes de equipe para favorecer a pesquisa quando os membros tinham mais afinidade com um tema ou outro.

As técnicas utilizadas de pesquisa e aprendizagem foram uma modalidade de ensino de história. Segundo Silva e Fonseca (2010, p. 24):

Ao Ensino de História cabe um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos. Desse modo, no atual debate da área, fica evidente a preocupação em localizar, no campo da História, questões problematizadoras que remetam ao tempo em que vivemos e a outros tempos, num diálogo crítico entre a multiplicidade de sujeitos, tempos, lugares e culturas. Portanto, a(s) configuração(ões) da(s) história(s) vivida(s) e ensinada(s) pelos professores, entre as quatro paredes da sala de aula e, também, fora dos limites dos territórios escolares, bem como das histórias que os alunos aprendem nesses e noutros espaços, é bem mais complexa do que muitos supõem.

Partindo do conceito de que o ensino de história deve proporcionar o pensamento crítico para os saberes históricos, a educação patrimonial se apresenta como uma oportunidade de aprendizado para a história.

## **2 OBJETIVOS**

O objetivo deste artigo é analisar a aplicação do projeto de ensino de história realizado em Nova Lima, em 2006, a partir da educação patrimonial e das referências culturais locais. O objetivo do trabalho desenvolvido na escola era proporcionar aos alunos a experiência da pesquisa histórica, despertar o interesse

pela história local, ressaltar o sentimento de pertencimento pela localidade, valorizar a memória individual e coletiva e salientar a importância da educação patrimonial para a formação cidadã. Como resultado foi organizada uma exposição na escola e outra na praça principal da cidade, a praça Bernardino de Lima. Nesse sentido, uma análise dos resultados dessa ação educativa contribuirá para a compreensão do processo de aprendizagem da história nos Ensinos Fundamental e Médio.

### **3 MÉTODOS**

Os métodos utilizados na prática educacional em questão aproveitaram as técnicas de pesquisa do ICMS Cultural, uma política pública do governo de Minas Gerais que retorna uma porcentagem proporcional do imposto do ICMS aos municípios que cuidam do seu patrimônio e comprovam essas políticas por meio de relatórios. O programa é gerenciado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), que é responsável pela análise dos relatórios entregues pelos municípios (Lei Estadual nº 13803/2000).

Inspirado no Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), que desenvolveu um “censo” do acervo patrimonial baiano, o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural (IPAC) mineiro, hoje Inventário de Proteção do Patrimônio Cultural (INV), é uma listagem específica e descritiva de bens de natureza material e imaterial que faz o levantamento da potencialidade do patrimônio cultural dos municípios de Minas Gerais. Os bens patrimoniais de Honório Bicalho foram elencados com a associação dos moradores e divididos para os grupos de alunos das diversas turmas. Foram escolhidos: as Banquetas da Cachoeira Vinte e Sete Voltas, dos Maias, do Azulão e do Zumbi, a Ruína do Padre Pequeno, o Bonserá, o Poço do Azulão, a Cachoeira Vinte e Sete Voltas, três casas antigas residenciais e preservadas, a Cavahada e a Igreja de São José Operário, o Cemitério, a Capela, a Festa e o Cruzeiro de Santa Rita e, ainda, a biografia da santa, o Cruzeiro, a Banqueta e o Santuário de Matozinhos, a Estrada Real, a Ferrovia em Honório Bicalho, a Ruína da Estação Ferroviária, o Armazém e a Casa da Estação, os times de futebol locais Internacional, Cruzeiro e Aliados, com seus respectivos campos e sedes, a Casa Aristides em Honório Bicalho, a Mina do Faria, a antiga Fazenda de Dona Florisbela Horta, o Muro de Pedra, a Usina do Gaia e a sua Peneira, a Química Cataguases e o Clube do Sindicato dos Mineiros. Esses bens contemplam

três séculos da história regional e remontam à chegada dos luso-brasileiros à região, à procura de ouro.

Os estudantes foram orientados a elaborar os textos a partir da pesquisa de campo. Na primeira reunião dos grupos, em sala de aula, eles organizaram um cronograma de ação que ia do levantamento inicial de informações, como os nomes dos possíveis entrevistados e o conhecimento prévio que eles tinham sobre o bem, às referências bibliográficas e fontes primárias textuais que eles teriam que buscar. Cada grupo foi individualmente acompanhado nas pesquisas de arquivo e alguns nas entrevistas. Após a visita ao local e a coleta dos dados, os estudantes redigiram um texto de uma lauda e selecionaram fotografias para compor a exposição. A primeira mostra foi na própria escola, e a segunda na praça da cidade, com cartazes financiados pela Secretaria Municipal de Turismo.

#### **4 RESULTADOS**

Os resultados dos trabalhos foram bastante promissores. Os alunos experimentaram cada etapa da pesquisa histórica e patrimonial, associando o conhecimento popular local com o acadêmico, além do desenvolvimento individual de procurar possíveis entrevistas no bairro. Em alguns casos, os grupos foram capazes de contestar informações tradicionais, por meio da pesquisa de fontes documentais e orais, construindo conhecimento histórico mediante o método científico. Como foram muitos bens analisados, vamos elencar alguns deles que exemplificam a boa relação do ensino de história com a educação patrimonial.

O primeiro bem a ser discutido é a Ruína do Padre Pequeno. Um conjunto de pedras que correspondem a uma antiga igreja, a uma casa de fazenda e a um curral, datados de 1706 ou 1709 (CÓDICE COSTA MATOSO, 1999)<sup>2</sup>. Em Honório Bicalho, há uma série de lendas que envolvem o padre e suas ruínas, tomadas como mal-assombradas. A lenda afirma que o Padre Pequeno foi responsável pela construção da pequena capela e ele teria sido o pároco de Honório Bicalho que, segundo Bráulio Carsalade Villela (1998), antigamente era chamado bairro do Ribeirão dos Macacos. A capela localiza-se nos altos montes da redondeza e lhe serviu de refúgio. O padre se escondeu ali por ter discutido com a comunidade, que

---

<sup>2</sup>Mais tarde, em pesquisas posteriores, descobrimos que a igreja foi construída por um emboaba, André Gomes Ferreira, e o primeiro padre se chamava Francisco de Oliveira Barbosa, o Pequenino.

não aceitava suas ordens. Essa briga teria começado por causa do batismo de um dos filhos naturais de uma mulher solteira de 28 anos. Ela queria batizar um de seus dois filhos porque o mais velho já era batizado, mas, como ela não era casada, o Padre Pequeno não aceitou ministrar o sacramento, e a família dela começou a tramar contra ele na comunidade, gerando insatisfações.

Passado algum tempo, essa mulher e seus familiares se mudaram de Honório Bicalho, mas a comunidade, já insatisfeita com o padre, teria roubado o sino da igreja. O padre ficou revoltado com o roubo. Inconformado, investigou por um bom tempo, tentando descobrir quem seria o ladrão do sino da casa de Deus. Assim que ele percebeu que não iria descobrir o larápio, não pensou duas vezes, rogou uma praga em Honório Bicalho, sem querer saber quem era inocente e quem não era. Sua maldição dizia que ali nada iria dar certo, comércio, trabalho, estudos, tudo deixaria a desejar e que nenhum padre ficaria fixo na igreja por muito tempo. Ao final dessa versão da história, o Padre Pequeno, angustiado, revoltado, insatisfeito, desgostoso e desanimado, teve seu fim se suicidando.

Algumas pessoas da região dizem que os próprios fiéis colocaram o sacerdote para correr. Expulsaram-no de Honório Bicalho e nunca mais viram ou ouviram falar algo a respeito do tão polêmico Padre Pequeno.

Nessa pesquisa, as crianças lidaram com o imaginário acerca das ruínas e, por meio de entrevistas, identificaram as tradições locais que revelam a crença em uma maldição sobre a localidade, rogada por um padre. As ruínas ficam escondidas e poucos têm coragem de dormir no local por acreditarem que o espírito do padre ronda esse lugar. O confronto entre as lendas e o conhecimento histórico proporcionou aos estudantes a oportunidade de analisar a história na perspectiva do historiador e não apenas daquele que recebe as informações prontas. Eles pesquisaram sobre a Guerra dos Emboabas e descobriram que alguns conflitos foram travados muito próximo de onde hoje está o bairro. Nesse sentido, a herança patrimonial cultural empreendeu a pesquisa e facilitou o acesso ao conhecimento histórico dos conteúdos curriculares.

Outro bem a ser analisado foi o Bonserá, um conjunto de edificações muito semelhantes às senzalas tradicionais, com portas e janelas sequenciais. Durante a pesquisa, no primeiro levantamento, os alunos indicaram que o bonserá de Honório Bicalho era “do tempo dos escravos”, como afirmava a tradição. Em Nova Lima, algumas dessas arquiteturas provavelmente datam do século XIX, como

as do bairro Boa Vista, antiga senzala da Saint John Del Rey Mining Company, mas os pesquisadores/estudantes de Honório Bicalho descobriram interessantes informações para a cidade. Entrevistaram o Sr. Fabiano, morador do Bonserá. Com 96 anos, relatou aos estudantes a experiência de ter sido um dos pedreiros do bonserá analisado. Ele era criança na época, e hoje ainda se lembra de ter construído a edificação, possivelmente datada dos anos de 1920. O tempo histórico aqui foi analisado pelos alunos, especialmente após a entrevista com o Sr. Fabiano. Eles fizeram a comparação temporal e identificaram que os casebres de parede e meia não eram do século XIX, e sim das primeiras décadas do século XX. Ampliando a pesquisa, encontraram informações de que as casas foram construídas para abrigar as famílias dos operários da Mina do Morro Velho, uma mineradora aurífera que explorava a região. A educação patrimonial trouxe a oportunidade aos estudantes de confrontar as informações “do ouvi dizer” com o conhecimento histórico fundado na fonte oral. A partir disso, a identidade com o bem estudado foi ressaltada e valorizada, assim como a história local.

Um bem cultural que os alunos apresentaram dificuldade de pesquisar foi o muro de pedras que se estende do quintal de uma casa até a calçada da rua principal do bairro. A presença dele sugere uma divisão de propriedades, mas não havia informações aparentes. Esse muro de pedra fica ao lado de uma pizzaria (Ragonezzi), na rua Liberato Augusto, e se estende da calçada da rua até o final do lote, servindo de apoio à parede de uma loja. Durante a pesquisa, os estudantes não sabiam como abordar a proprietária e perguntar sobre a história do muro. Chegaram a conversar com ela, mas não conseguiram transformar as informações dadas pela entrevistada em respostas para as perguntas que eles elencaram. Segundo os estudantes, eles questionaram se ela sabia de quando era o muro, o que resultou em uma resposta negativa. Porém, em um segundo encontro, após orientações de técnicas de história oral, eles partiram dos dias de hoje para o passado, invertendo a pergunta, e assim a memória passou a ser acessível. Conseguiram descobrir que o terreno já havia pertencido à Mineradora Morro Velho. A proprietária acreditava que ele tinha mais de cem anos, e o cômodo onde se situava a loja era uma antiga senzala da propriedade, mas nenhuma informação adicional foi conseguida. Dois aprendizados para a história foram absorvidos: a história oral e a observação do bem patrimonial, que até então passava despercebido para a maioria deles.

O conjunto patrimonial de Santa Rita – a fé na santa, a festa em sua homenagem, o cruzeiro, a igreja e o cemitério – é composto de bens que datam dos três séculos de ocupação da região, XVIII, XIX e XX. Os alunos escolhidos para compor esses grupos moravam em Santa Rita, bairro próximo a Honório Bicalho, e conheciam a tradição local acerca de cada objeto de estudo. Para formalizar as pesquisas, eles buscaram textos de viajantes do século XIX que passaram ali e descreveram a localidade, indicando as permanências e as mudanças espaciais e culturais. Pesquisaram também no Códice Costa Matoso, que identificava as Capelas dos Oitocentos e citava a de Santa Rita. Em relação ao cemitério, eles descobriram que o primeiro local de enterro dos mortos era o interior da igreja, datada do século XVIII, e o terreno ao redor. Descobriram quando a igreja foi reformada e foram retirados os corpos do entorno do templo para serem levados ao novo cemitério, que já estava em funcionamento desde o final do século XIX. Assim, confrontaram o antigo costume com a proposta urbanista e higienista dos séculos XVIII e XIX que afastava os cemitérios dos centros urbanos, analisando as questões de saúde e costumes nos séculos XVIII e XIX no Brasil como contrapartida ao que a comunidade pleiteava nos anos 2000 (ROSSI; WEBER, 2014)<sup>3</sup>.

As banquetas são aquedutos artificiais que levavam água de cachoeiras, minas e nascentes para abastecer edificações, fazendas, cidades, etc., por meio da gravidade. Em Honório Bicalho há quatro banquetas, sendo provavelmente datadas dos séculos XVIII e XIX. Os estudantes sempre nadaram no Poço do Azulão, trecho intermediário da banqueta de mesmo nome, que segue até a cidade. Esse aqueduto fica na antiga fazenda de Dona Florisbela Horta. No século XIX, ele mantinha a mineração da fazenda, e suas águas, após passarem pela estrutura de lavagem do cascalho para obter o ouro, desciam para o poço, que correspondia a uma represa de dejetos. Dali, ele descia para o rio das Velhas passando pela localidade de Honório Bicalho. No início do século XX, o canal era mantido pela Central do Brasil, era fundo e com água em abundância. Em meados do século XX, ele foi entregue à Mineradora Morro Velho, que utilizava a água para a mina e para abastecer o bairro. No final do século XX, com a chegada do abastecimento público de água e esgoto pela Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), a banqueta e o poço foram abandonados, sendo utilizados apenas para lazer. A descoberta dos alunos

---

<sup>3</sup>No Brasil, essa política foi adotada com as posturas municipais do Período Imperial.

trouxe à luz o problema da poluição das águas com metais pesados, característica da exploração aurífera, que “lava” as rochas em busca das partículas de ouro. Nesse processo, os metais pesados dispostos no solo são suspensos na água e ali permanecem por mais de um século. A coloração do poço sugere a presença dos metais, e a afirmação de que no fundo dele havia uma areia muito fina e muito branca indica a presença do arsênio, muito comum nas represas de dejetos da região. Os alunos, por meio da história oral, identificaram questões ambientais antigas, puderam conhecer a história do abastecimento de água local e da mineração na região.

O último exemplo de conjunto de bens patrimoniais analisados pelos alunos foi o referente ao patrimônio ferroviário. As informações históricas foram buscadas em *sites* e por meio da oralidade. As edificações do complexo ferroviário hoje são moradias de familiares de ex-ferroviários ou de compradores desses ex-funcionários. A antiga estação foi demolida em 1990, mas há muitos relatos orais (sobre o transporte ferroviário) de passageiros e empregados da Central do Brasil que ainda residem no bairro. Foram coletadas imagens da antiga edificação e do movimento de entrada e saída de mercadorias e transeuntes. Os estudantes pesquisaram no Arquivo Público Mineiro sobre a construção e descobriram que muitos operários foram mortos durante a abertura da estrada de ferro e a colocação dos trilhos. Nesse trabalho, então, eles entraram em contato com a pesquisa arquivística, bibliográfica e a história oral e abordaram o sentimento de pertencimento que os moradores têm com relação à ferrovia e suas benfeitorias.

A conclusão dos trabalhos foi uma exposição com os textos produzidos e as fotos coletadas pelos estudantes com cada bem cultural analisado, o que ressaltou e valorizou a atividade deles e garantiu a visibilidade da escola e da pesquisa dos alunos na cidade. A mostra na praça Bernardino de Lima aumentou a autoestima do alunado de Honório Bicalho, como também da própria comunidade, que se viu reconhecida nos cartazes, textos e fotos expostos. O patrimônio cultural de Honório Bicalho serviu, então, de objeto para o ensino de história e para a educação patrimonial local.

## 5 DISCUSSÃO

O patrimônio cultural está associado à identidade cultural de um povo ou comunidade e às tradições desses grupos. Diante disso, está também relacionado à história e, como ferramenta do ensino de história, proporciona a apreensão de conceitos e fatos históricos e de metodologias e técnicas de pesquisa para a história. Helenice Rocha discute o espaço do passado na sala de aula a partir dos programas de professoras da educação básica. Observa que o uso de elementos da atualidade que possam auxiliar a reflexão para o passado tem dado bons resultados no aprendizado dos alunos (ROCHA, 2014). Em nosso trabalho de campo, observamos que a adoção do estudo de bens patrimoniais vinculava a identidade dos estudantes e o sentimento de fazer parte do objeto de estudo ao conhecimento histórico, facilitando e promovendo o aprendizado.

Os exemplos elencados neste artigo viabilizaram a aprendizagem de conceitos fundamentais para o ensino de história. Um deles foi a noção temporal, revisitada por todos os estudantes durante suas pesquisas, tanto o tempo do “ouvi dizer” como do tempo científico. Eles compreenderam que a narrativa deveria ser construída a partir da memória dos entrevistados e que essas lembranças não seriam lineares, constituindo assim um conhecimento histórico elaborado e discutido.

As tradições e o imaginário sobre os diversos bens foram identificados pelos estudantes, que lidaram com os conceitos de forma superficial, mas puderam compreender como eles são vivenciados na prática pelos moradores do bairro e como isso interfere nas concepções históricas do “lugar comum”, diferenciando um conhecimento que busca se fundamentar na ciência como contrapartida ao saber popular, valorizando ambos e conhecendo os momentos em que eles devem ser aplicados.

Inseridos no trabalho, os alunos puderam compreender o processo de formação do conhecimento histórico. A atividade de pesquisa realizada por eles, fundamentada na história oral e na busca de fontes primárias em arquivos oficiais, jornais e fotografias, possibilitou a aproximação dos alunos com a história e com uma nova forma de perceber os conteúdos ministrados em sala de aula.

Por fim, os conteúdos curriculares foram abordados em diversos momentos, especialmente quando eles podiam ser apropriados para explicar os

objetos de estudo. Um dos exemplos foi a Guerra dos Emboabas, estudada pelos alunos por se aproximar de um dos bens analisados; outro foi o processo minerador, cujo contexto permeia a colonização brasileira e mineira e está intimamente associado aos diversos bens patrimoniais locais. Os alunos compreenderam o processo e, ao mesmo tempo, perceberam as identidades novalimense e mineira com a mineração e as consequências dessa atividade para a economia e o meio ambiente.

O ensino de história agrega inúmeras possibilidades e, ao ser associado ao patrimônio, é enriquecido com a diversidade temporal, conceitual e sentimental que os bens culturais carregam, viabilizando novas propostas de aprendizagem e aproximação dos estudantes com a história, seus conceitos e conteúdos (MAGALHÃES et al., 2014). A atividade desenvolvida na Escola Josephina Wanderley Azeredo, em Honório Bicalho, Nova Lima-MG, proporcionou uma via inovadora para o ensino de história e valorizou a memória local.

## REFERÊNCIAS

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Anna Blume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CÓDICE COSTA MATOSO. **Coleção de notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das de Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999. p. 210-216.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim et al. **Educação patrimonial**: inventários participativos: manual de aplicação. Brasília, DF: IPHAN, 2016.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **ICMS patrimônio cultural**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://iepha.mg.gov.br/servicos/icms-patrimonio-cultural>>. Acesso em: 20 out. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação patrimonial**. Brasília, DF, 2014a. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>>. Acesso em: 15 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília, DF, 2014b. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducacaoPatrimonial\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Educação patrimonial na escola**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/educacao\\_patrimonial\\_na\\_escola.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/educacao_patrimonial_na_escola.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2016.

MAGALHÃES, Marcelo et al. (Org.). **Ensino de história**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

ROCHA, Helenice. A presença do passado na aula de história. In: MAGALHÃES, Marcelo et al. (Org.). **Ensino de história**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 33-52.

ROSSI, Daiane Silveira; WEBER, Beatriz Teixeira. A transferência do cemitério da matriz: a saúde presente no discurso religioso (Santa Maria/RS no século XIX). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 12., 2014, São Leopoldo, RS. **Anais...** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2014.

SILVA, João Paulo Souza. Impactos ambientais causados por mineração. **Revista Espaço da Sophia**, ano 1, n. 8, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.registro.unesp.br/sites/museu/basededados/arquivos/00000429.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de história hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 60, p. 13-33, 2010.

TOLENTINO, Átila Bezerra et al. (Org.). **Educação patrimonial**: diálogos entre escola, museu e cidade. João Pessoa: IPHAN, 2014.

VILLELA, Bráulio Carsalade. **Nova Lima**: formação histórica. Belo Horizonte: Cultura, 1998.